

A INTERAÇÃO EM UM CURSO DE LETRAS LIBRAS: O QUE AFIRMA UMA PROFESSORA UNIVERSITÁRIA?

Ítalo Urbano Barros FERNANDES¹
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
italourbano.99@gmail.com

Manassés Moraes XAVIER²
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

RESUMO: O presente estudo investigou os discursos de professores do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande sobre o lugar da interação em suas práticas de ensino. Focalizou-se, exclusivamente, o caso da professora Pérola - docente surda -, analisando suas concepções de interação dentro e fora da sala de aula, suas estratégias didáticas bilíngues e o uso de inovações tecnológicas em seu trabalho docente. Os dados foram gerados por meio de entrevista videossinalizada. Os resultados apontaram para a centralidade da interação como eixo articulador das práticas pedagógicas de Pérola, reafirmando a relevância de um ensino superior dialógico no contexto da formação de professores de Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Interação; Professora surda; Letras Libras UFCG.

THE INTERACTION IN A COURSE OF POUNDS LETTERS: WHAT DOES A UNIVERSITY PROFESSOR SAY?

ABSTRACT: This study investigated the discourses of professors from the Libras (Brazilian Sign Language) Letters Course at the Federal University of Campina Grande regarding the role of interaction in their teaching practices. It focused exclusively on the case of Professor Pérola – a deaf teacher – analyzing her conceptions of interaction inside and outside the classroom, her bilingual teaching strategies, and the use of technological innovations in her teaching work. Data were generated through video-signed interviews. The results pointed to the centrality of interaction as the articulating axis of Pérola's pedagogical practices, reaffirming the relevance of a dialogical higher education in the context of Libras teacher training.

KEYWORDS: Interaction; Deaf professor; Libras Letters UFCG.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE).

² Professor da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE).

1 INTRODUÇÃO

A interação constitui um dos pilares fundamentais dos processos de ensino-aprendizagem, sobretudo em contextos educacionais permeados pelas diversidades linguística e cultural. No âmbito do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), esse fenômeno assume contornos ainda mais complexos, uma vez que o curso reúne, em uma mesma sala de aula, estudantes surdos e ouvintes sinalizantes, mediados pela Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de instrução.

Este artigo constitui um recorte de uma pesquisa de mestrado mais ampla que investigou os discursos de professores do referido curso sobre o lugar da interação em suas práticas de ensino. Para fins deste capítulo, optou-se por apresentar exclusivamente o caso da professora Pérola - docente surda do Curso de Letras Libras da UFCG -, cujos relatos apresentaram densidade analítica e alinhamento expressivo com os referenciais teóricos adotados na investigação.

A questão central que orienta este trabalho é: quais as percepções da professora Pérola sobre o papel da interação no contexto da formação de professores de Libras? Para respondê-la, elegeram-se os seguintes objetivos específicos: a) identificar as concepções de interação dentro e fora da sala de aula expressas nos relatos de Pérola; e b) analisar como a interação se manifesta em seu trabalho docente, considerando o planejamento, as estratégias didáticas e o uso de tecnologias.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa fundamenta-se na Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin e o Círculo), que compreende a interação como fenômeno inerentemente social, dialógico e constitutivo dos sujeitos. O estudo contribui para o debate sobre a formação de professores de Libras no ensino superior, campo ainda carente de pesquisas que articulem práticas pedagógicas e perspectivas dialógicas da linguagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Sob a perspectiva de Bakhtin (2016 [1952-1953]), a língua(gem) é essencialmente dialógica: todo enunciado é, simultaneamente, resposta a um enunciado anterior e antecipação de um enunciado futuro, configurando uma relação viva entre os sujeitos. Nesse quadro teórico, a interação não se restringe aos espaços específicos, mas constitui a própria base da existência humana, permeando todas as esferas da vida social.

Volóchinov (2021 [1929]) aprofunda essa perspectiva ao afirmar que o sujeito só se constitui plenamente na relação dialógica com o outro. Em seu dizer, a palavra é uma ponte que liga o eu ao outro, apoiando uma das extremidades no falante e a outra no interlocutor, configurando-se como o território comum entre ambos. Essa concepção é central para compreender a interação como processo de construção conjunta de sentidos, no qual as vozes dos sujeitos se encontram, se confrontam e se complementam.

Vygotsky (2007 [1933]) acrescenta, da perspectiva do desenvolvimento humano, que a aprendizagem é um processo social e mediado, no qual o papel do outro — seja o professor, seja o colega — é determinante para o desenvolvimento cognitivo do sujeito. No contexto do ensino de Libras, essa perspectiva amplia as possibilidades de compreender como a sinalização, como prática discursiva, medeia as relações de ensino-aprendizagem entre sujeitos surdos e ouvintes.

2.2 A INTERAÇÃO NO ENSINO DE LIBRAS E NA FORMAÇÃO DOCENTE

No contexto do ensino de Libras, a interação adquire especificidades decorrentes da modalidade viso-espacial da língua. Como observam Quadros (2024; 2019) e Moura e Ohkawa (2024), a educação bilíngue no ensino superior deve promover a circulação da Libras e do português como línguas de instrução, visando o desenvolvimento pleno das

competências linguísticas dos estudantes surdos e ouvintes. Nesse sentido, a prática pedagógica não ocorre apenas por meio do conteúdo, mas da interação discursiva por meio da sinalização.

Albres (2016) aponta que os professores de Libras demonstram dificuldades em estabelecer uma interação efetiva com os estudantes, revelando lacunas no domínio de práticas pedagógicas. A autora ressalta que "os professores podem construir novas práticas fruto da reflexão marcada por diversas vozes, desde o aporte teórico (científico) à vivência em sala de aula. No fazer pedagógico, a teoria e a prática estão fundidas" (Albres, 2016, p. 236). Essa constatação reforça a importância de investigar as percepções docentes sobre a interação, de modo a identificar tanto os avanços quanto os limites das práticas pedagógicas no curso de Letras Libras.

Gesser (2009) destaca que a diversidade linguística e cultural presente nas salas de aula que acolhem estudantes surdos e ouvintes deve ser vista como potencializadora do processo educativo, e não como obstáculo a ser superado. Essa perspectiva alinha-se ao princípio bakhtiniano de que é a alteridade - a presença do outro com suas singularidades - que também pode constituir a interação.

Conforme apontam Donato, Hollosi e Campos (2024, p. 70),

Há também o ensino de língua instrumental (LI), que se refere à aprendizagem de uma língua não primeira para objetivo profissional ou acadêmico (Langui, 2021). O foco é voltado à aquisição de habilidades linguísticas específicas, como leitura de textos técnicos, apresentações de trabalhos acadêmicos ou comerciais e compreensão de palestras. O que se pretende não é ensinar a língua em sua totalidade, mas aliar estratégias para que as habilidades linguísticas do estudante estejam concentradas em desenvolver uma comunicação funcional, atingindo um determinado objetivo proposto. No ensino universitário, adotar o ensino de língua instrumental para a Libras pode favorecer a melhoria dos resultados obtidos nos diferentes cursos.

No entanto, pensar a Libras apenas como ferramenta funcional é insuficiente. É preciso considerá-la como perspectiva dialógica da linguagem estruturante da cultura

surda, bem como reconhecer a relevância da interação sinalizada na mediação do conhecimento.

3 METODOLOGIA

A pesquisa que origina este artigo é de natureza qualitativa e de tipologia descritiva (Moreira e Caleffe, 2008). O *corpus* analisado neste capítulo é composto pelos enunciados da professora Pérola - uma das cinco docentes do Curso de Letras Libras da UFCG que participaram da pesquisa mais ampla. Pérola é mulher e surda, e sua participação ocorreu por meio de entrevista videossinalizada, conforme Aguiar (2024), realizada em Libras no dia 24 de outubro de 2024, no Laboratório Multidisciplinar de Libras (LabLibras) da UFCG.

A adoção de nome fictício - Pérola - teve como objetivo preservar o anonimato da participante, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. A pesquisa recebeu autorização do Comitê de Ética do Hospital Universitário Alcides Carneiro, da Universidade Federal de Campina Grande, em 25/09/2024, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) Nº 81068624.5.0000.5182 e Parecer Nº 7.099.435.

A entrevista semiestruturada foi conduzida com base em roteiro flexível, composto por 17 questões elaboradas para orientar a geração de dados. As perguntas foram formuladas e apresentadas em Libras pelo pesquisador, que é surdo e fluente na língua. As respostas, gravadas em vídeo, foram posteriormente traduzidas para o português escrito por intérpretes de Libras experientes em contextos acadêmicos, seguidas de revisão crítica pelo pesquisador, que comparou os vídeos sinalizados com as traduções para garantir fidelidade semântica e discursiva.

A análise dos dados orientou-se pelos princípios da Teoria Dialógica da Linguagem (círculo de Bakhtin), com foco na interpretação dos enunciados da participante como atos responsivos, situados historicamente e permeados por múltiplas vozes. Para este capítulo, foram selecionados quatro fragmentos dos enunciados de Pérola, que correspondem às seguintes temáticas: a) concepção de interação; b) interação no contexto da sala de aula; c) planejamento, execução e avaliação das aulas; d) estratégias didáticas; e e) uso de inovações tecnológicas. Os trechos em destaque dos fragmentos - reproduzidos em itálico - correspondem às partes analisadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: O QUE AFIRMA PÉROLA?

4.1 CONCEPÇÃO DE INTERAÇÃO

O primeiro fragmento analisado diz respeito à concepção de interação expressada pela professora Pérola:

(...) então a interação é um mundo, agora neste momento estamos vivenciando a interação, no momento da aula também se existe uma dúvida que é questionada, acontece a interação, também no âmbito familiar em uma conversa, os diversos espaços do meio social na agitação das pessoas que você chama alguém para falar com ela, está interagindo, então a interação está presente em todos esses momentos, é um mundo existente, quando observamos a formação da palavra I-N-T-E-R-A-Ç-Ã-O há a ação junto, é esse movimentar de se relacionar com o outro é esse o significado que associo a este conceito (Entrevista videossinalizada, 24/10/2024, 0m26s – 1m06s).

A professora Pérola apresenta uma concepção de interação que transcende o ambiente educacional, enxergando-a como um "mundo" presente em todos os âmbitos da vida social - das aulas ao ambiente familiar, das conversas informais às movimentações cotidianas nos espaços públicos. Sua perspectiva amplia a noção de interação ao destacá-la como uma experiência onipresente na vida em sociedade.

Essa visão dialoga diretamente com a perspectiva bakhtiniana, segundo a qual a interação não se restringe aos espaços específicos, mas constitui a própria base da existência humana. Encontramos nos escritos de Bakhtin e do Círculo a afirmação de que cada ato de linguagem é intrinsecamente relacional, sempre carregado de múltiplas vozes que se respondem mutuamente, gerando sentidos novos e renovados a cada encontro.

Outro elemento significativo é a associação feita por Pérola entre a soletração da palavra "I-N-T-E-R-A-Ç-Ã-O", em Libras, e a ideia de "ação junto". Essa leitura intuitiva, ainda que simplificada, destaca o caráter ativo, coletivo e relacional da interação, o que ressoa com a concepção bakhtiniana de que o discurso nunca é neutro ou isolado, mas sempre situado em um contexto de relações sociais, permeado por intenções e dirigido a um interlocutor (Bakhtin, 2016 [1952-1953]).

A ênfase de Pérola na interação como "movimentar de se relacionar com o outro" também se aproxima da ideia central de Volóchinov (2021 [1929], p. 205), para quem o sujeito só se constitui plenamente na relação dialógica com o outro.

Contudo, ao definir interação como algo presente em "todos os momentos" da vida, há o risco de desfazer seu sentido teórico e pedagógico, reduzindo-o a qualquer forma de contato entre pessoas. Ao enfatizar apenas o aspecto da presença mútua e do "chamar alguém para falar", o discurso aproxima-se mais de uma ideia genérica de comunicação do que de uma compreensão da interação como construção de sentidos mediados pela linguagem, tal como propõe Bakhtin. Isso reforça a constatação de Albres (2016) de que ainda hoje muitos professores demonstram dificuldades em distinguir a interação como categoria analítica das práticas cotidianas de comunicação.

4.2 INTERAÇÃO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

No segundo fragmento, Pérola descreve como conduz a interação no contexto da sala de aula:

Certo, na sala de aula, primeiramente começo iniciando pelo conteúdo vou explicando, a teoria, a prática, em alguns momentos os dois de forma simultânea, e depois vem o momento de interação, é um momento que pode surgir as dúvidas, as atividades, as opiniões dos alunos, as ideias e várias outras coisas, neste momento de interação, em que as pessoas vão se apropriando, mas são aspectos relacionados com objetivo do conteúdo da aula (Entrevista videossinalizada, 24/10/2024, 1m31s – 2m04s).

No fragmento, Pérola descreve a interação no contexto da sala de aula como um momento estruturado que ocorre após a exposição inicial do conteúdo teórico e prático. Esse "momento de interação" é caracterizado pelo surgimento de práticas discursivas - dúvidas, opiniões, ideias dos alunos - vinculadas diretamente aos objetivos pedagógicos da aula. Observa-se uma concepção que dialoga com os princípios do dialogismo bakhtiniano, articulando uma perspectiva fundamental sobre o processo de ensino-aprendizagem como espaço de construção coletiva de sentidos.

A ideia de "apropriação" mencionada por Pérola reflete o caráter dialógico da aprendizagem: os estudantes não apenas assimilam conteúdos, mas os reinterpretam e ressignificam a partir de suas próprias experiências e perspectivas. Logo, o conhecimento se constitui no encontro entre sujeitos, na dialogia entre diferentes vozes, de modo que a construção do saber é sempre ativa e situada.

Sob a perspectiva *bakhtiniana*, essa concepção de Pérola sugere a aula como um gênero discursivo estruturado, mas ainda aberto à responsividade, permitindo a manifestação de múltiplas vozes em torno do conteúdo. Pérola se posiciona, assim, como mediadora de um processo de construção coletiva de sentidos.

No entanto, observa-se que a compreensão da interação é vista como uma etapa posterior à exposição do conteúdo, reforçando uma lógica sequencial em que a professora

conduz a teoria e a prática para, em seguida, abrir espaço para a participação dos estudantes. Sob a perspectiva dialógica, a interação não é uma etapa, mas o próprio modo pelo qual o conhecimento se constitui - desde o início da aula, nas perguntas, nas escutas-visuais, nas sinalizações e nas respostas compartilhadas. Assim, limitar a interação a um "momento posterior" compromete a potencialidade formativa do diálogo, pois desconsidera a construção coletiva de sentidos que deveria permear toda a prática pedagógica.

4.3 PLANEJAMENTO, EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DAS AULAS

O terceiro fragmento revela como Pérola organiza o planejamento, execução e avaliação de suas aulas:

Certo, sempre já há algum tempo que organizo, planejo com o objetivo necessário que é aprender aos conteúdos, preparo ao conteúdo explicou para eles ministro a aula e esse momento provooco neles a reflexão e vai acontecendo a interação, vou perguntando de que forma, como é, qual o significado, o que tinha na leitura e vai tendo esse momento de partilha, de interação e assim vejo se encaixa com o que foi planejado. No curso do Letras Libras tenho facilidade para fazer essa interação, mas em outros momentos que ministro a disciplina de Libras, mesmo organizando para ter essa interação ela é bem menor, diferente do curso de Letras Libras que acontece com maior evidência do que nas disciplinas de Libras e penso que é porque no Letras Libras tem um público de surdos e ouvintes [...] (Entrevista videossinalizada, 24/10/2024, 2m37s – 4m37s).

A perspectiva de Pérola considera o planejamento como um fundamento dialógico. Ela compreende o ato de planejar como estruturado e orientado por um objetivo claro de ensino, preparando-se antecipadamente para provocar a reflexão nos estudantes. Seu relato reflete o pensamento dialógico de linguagem, em que todo discurso é dirigido a um outro, antecipando sua resposta e organizando a enunciação em função dessa alteridade.

Ao abordar a execução da aula, Pérola descreve um movimento didático que enfatiza o espaço de reflexão e partilha. Ao perguntar "de que forma", "como é", "qual o significado", "o que tinha na leitura", ela estimula os estudantes a refletirem, interpretarem

e compartilharem suas compreensões. Esse processo dialoga com a teoria de Bakhtin, para quem o sentido não é fixo no discurso do professor, mas se constrói no encontro entre vozes diversas.

A avaliação, na perspectiva de Pérola, também assume caráter dialógico. O enunciado "assim vejo se encaixa com o que foi planejado" revela que a avaliação ocorre de forma contínua e integrada ao momento da interação. A professora observa, escuta e adapta suas estratégias a partir das respostas dos estudantes, em um processo responsivo.

Destaca-se, ainda, a distinção que Pérola estabelece entre dois contextos de ensino: o Curso de Letras Libras e as disciplinas de Libras ofertadas a outros cursos da universidade. No Curso de Letras Libras, a interação ocorre de maneira mais fluida e intensa, favorecida pela presença de estudantes surdos e ouvintes sinalizantes, o que potencializa a sinalização e uma comunicação multimodal e colaborativa. Já na disciplina de Libras voltada a ouvintes iniciantes, mesmo com o planejamento focado na interação, esta ocorre em menor grau, possivelmente em razão da limitada fluência dos estudantes na língua de sinais e da dificuldade de adaptação a uma nova modalidade comunicativa.

4.4 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS: BILINGUISMO EM AÇÃO

O quarto fragmento traz as estratégias didáticas de Pérola, com destaque para o uso bilíngue de Libras e português:

Faço uso das duas línguas, a minha estratégia é trazer o texto em português e o vídeo em Libras, com o mesmo conteúdo em ambas as línguas, e vou dentro dessa estratégia vendo como eles conseguem entender, os surdos referente ao texto escrito em português se eles não conseguem tem e o vídeo com o texto em Libras para que possam olhar os dois em paralelo e ter acesso de forma bilíngue, essa é minha estratégia didática, outra situação é para os alunos ouvintes que tem facilidade no texto em português escrito mas não compreende com clareza a sinalização, ele pode observar os dois ao mesmo tempo e essa estratégia aplicada de forma geral e os dois vão tendo acesso ao ensino no formato bilíngue (Entrevista videossinalizada, 24/10/2024, 10m34s – 11m44s).

Ao relatar que traz "o texto em português e o vídeo em Libras, com o mesmo conteúdo em ambas as línguas", Pérola descreve uma estratégia didática bilíngue adotada para possibilitar o acesso equitativo ao conteúdo por parte de estudantes surdos e ouvintes. Essa metodologia promove uma aprendizagem inclusiva e dialógica, ao permitir que os estudantes transitem entre as duas línguas - Libras e português escrito - favorecendo a construção de sentidos de forma paralela e integrada.

A prática de Pérola articula-se com a perspectiva bakhtiniana da linguagem como fenômeno social e coletivo, no qual o sentido emerge da interação entre sujeitos. Ao propor o uso simultâneo de Libras e português, a docente cria um ambiente que respeita a diversidade linguística e possibilita que estudantes com diferentes perfis linguísticos se encontrem no processo de construção do conhecimento.

No ambiente acadêmico do Curso de Letras Libras, a prática bilíngue adotada por Pérola dialoga com as diretrizes legais brasileiras que fundamentam a educação bilíngue, como a Lei nº 10.436/2002, o Decreto nº 5.626/2005 e a Lei nº 13.005/2014 (PNE). Conforme Quadros (2019), a educação bilíngue no ensino superior deve promover a circulação da Libras e do português como línguas de instrução, visando ao desenvolvimento pleno das competências linguísticas dos estudantes surdos e ouvintes.

Outro aspecto central da prática didática de Pérola é a atenção à responsividade dos estudantes. Ao perguntar "o que entenderam?" e reexplicar o conteúdo quando necessário, a docente assume uma postura de escuta ativa, essencial para a construção de um ensino dialógico. Essa prática evidencia um compromisso com a mediação pedagógica sensível às necessidades dos estudantes, respeitando seus ritmos de aprendizagem e incentivando a construção compartilhada de significados.

Contudo, embora a estratégia demonstre avanços importantes, é necessário refletir se essa abordagem concretiza, de fato, uma interação dialógica contínua ou se permanece

em um modelo mais expositivo, ainda que acessível. A repetição do material e a explicação direta pela professora revelam uma prática que favorece a compreensão, mas ainda centrada na figura docente. Seria relevante avançar para uma didática mais interativa, na qual os estudantes - surdos e ouvintes - também interpretem, questionem e co-constroem os sentidos dos textos em Libras e em português.

4.5 USO DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

O quinto fragmento aborda o uso de inovações tecnológicas no trabalho de Pérola:

Na verdade, a tecnologia ajuda muito, e por que a tecnologia ajuda? É um desafio para eles, os alunos, pois, por exemplo, no momento de gravar o que a tecnologia pode contribuir? poder olhar para si mesmo vê a sua sinalização terá correções para se adequar ao modelo acadêmico por isso é desafiador e também um outra forma que a tecnologia ajuda e se na escrita tem palavras desconhecidas eles podem buscar no google vê a tradução, vê a que mais se adequa, então percebemos mais agilidade, otimização no tempo [...] no Letras Libras tem ajudado bastante, as gravações e as edições, o plano de fundo, os efeitos e toda a organização que vai se profissionalizando e sendo desenvolvida ajuda bastante [...] há uma problemática alguns não tem notebook, utilizam o celular, os equipamentos não são de boa qualidade, são diversas realidades a renda baixa de alguns [...] há também a ideia de colocar eles em dupla os que não tem, se juntar aos que tem celular ou notebook é uma estratégia possível de ser utilizada (Entrevista videossinalizada, 24/10/2024, 18m24s – 20m37s).

Pérola oferece uma reflexão crítica sobre o impacto das inovações tecnológicas no ambiente acadêmico, evidenciando tanto os avanços quanto os desafios da integração tecnológica no Curso de Letras Libras da UFCG. Para ela, a tecnologia configura-se como um suporte pedagógico essencial, permitindo a gravação de vídeos para autoavaliação da sinalização, o acesso ágil à informação e a melhoria da organização visual dos materiais didáticos.

Um dos pontos ressaltados é a possibilidade de gravar vídeos, o que permite aos estudantes observarem a própria sinalização e realizarem correções para se adequarem ao modelo acadêmico. Esse processo de autoavaliação é essencial em uma língua visual e

sinalizada, que depende de precisão e clareza para a comunicação e o aprimoramento contínuo. Como observa Quadros (2020), a prática pedagógica que valoriza a cultura surda e a competência sinalizada reforça a construção da identidade dos estudantes, elemento que se consolida também pelo uso estratégico das tecnologias digitais.

Entretanto, Pérola reconhece as desigualdades de acesso às tecnologias entre os estudantes, refletindo sobre as barreiras impostas pelas condições socioeconômicas. A ausência de *notebooks* ou a limitação de recursos em celulares compromete a equidade no processo de ensino-aprendizagem. Para enfrentar essas limitações, Pérola propõe práticas de solidariedade e colaboração, como a formação de duplas entre estudantes, possibilitando que todos tenham acesso às ferramentas necessárias para a aprendizagem. Essa postura evidencia seu compromisso ético e pedagógico com uma educação verdadeiramente inclusiva.

No entanto, embora a professora reconheça que nem todos os estudantes tenha acesso igualitário a esses recursos, a proposta de formar duplas é uma alternativa viável, mas não resolve completamente a exclusão digital que muitos enfrentam. É necessário desenvolver estratégias de metodologias diferentes que partam da escuta atenta às dificuldades dos estudantes e da busca por soluções coletivas e realistas, respeitando o ritmo, as possibilidades e os contextos socioculturais de cada um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou os enunciados da professora Pérola sobre a interação no contexto do Curso de Letras Libras da UFCG. À luz da Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin e o Círculo), a análise revelou uma concepção de interação que ultrapassa os limites da sala de aula, abrangendo múltiplos espaços do meio social - o que, ao mesmo

tempo, evidencia uma visão ampliada do fenômeno e o risco de diluir seu sentido teórico e pedagógico específico.

No que se refere às práticas pedagógicas, os fragmentos analisados apontam para uma professora comprometida com a construção coletiva de sentidos, que adota estratégias bilíngues inovadoras - integrando textos escritos em português e vídeossinalizados - e utiliza tecnologias digitais como suporte à formação acadêmica de estudantes surdos e ouvintes. A abordagem de Pérola evidencia uma preocupação real com a acessibilidade linguística e com o protagonismo dos estudantes.

Contudo, a análise também identificou tensões e limitações: a interação ainda é concebida, em alguns momentos, como etapa posterior à exposição do conteúdo, e não como processo contínuo e constitutivo de toda a prática pedagógica. Sob a perspectiva dialógica, é necessário tensionar essa visão e compreender a interação como prática situada, atravessada por sentidos, valores e ideologias em disputa - e não como um "momento" previsto no planejamento.

Os resultados reafirmam a relevância de pesquisas que focalizem as concepções e práticas docentes no ensino superior em Libras, campo ainda carente de investigações que articulem dialógica e formação de professores. A experiência de Pérola contribui para a reflexão crítica sobre os caminhos possíveis para o aprimoramento da prática pedagógica no Curso de Letras Libras da UFCG, apontando para a necessidade de um ensino superior cada vez mais dialógico, crítico e emancipador.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Girlaine Felisberto de Caldas. Saberes e Capacidades Necessários à Formação de Professores Surdos de Libras como L2: Um Estudo com o Gênero Entrevista com Especialista. **Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino)** – Programa de Pós-Graduação

em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Brasil, 2024.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras**: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores. Curitiba: Appris, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2017 [1920-1924].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Estabelece o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014.

DONATO, Adriana Di; HOLLOSI, Marcio; CAMPOS, Sandra. Libras como língua adicional para estudantes universitários ouvintes. In.: MOURA, Cecília; BEGROW, Desirée De Vit. (Orgs.). **Libras e surdos**: políticas, linguagem e inclusão. São Paulo: Contexto, 2024, p. 67-78.

FERNANDES, Ítalo Urbano Barros. **A interação no contexto do Curso de Letras Libras da UFCG: o que dizem professores universitários?** Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2025.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

MOREIRA, Herivelto; Caleffe, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOURA, Cecília; Ohkawa, Alexandre Dantas. Atitudes relacionadas à surdez e ao surdo/deficiente auditivo(da). In.: MOURA, Cecília; BEGROW, Desirée De Vit. (Orgs.). **Libras e surdos**: políticas, linguagem e inclusão. São Paulo: Contexto, 2024, p. 41-52.

QUADROS, Ronice Müller de. Políticas linguísticas e a Libras. In.: MOURA, Cecília; BEGROW, Desirée De Vit. (Orgs.). **Libras e surdos: políticas, linguagem e inclusão**. São Paulo: Contexto, 2024, p. 13-25.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2021 [1929].

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1933].

RECEBIDO EM: 09 de junho de 2026

APROVADO EM: 13 de junho de 2026

Publicado em julho de 2026